

Salmos pela vida amazônica

Auricléa Oliveira das Neves¹

Resumo:

O ensaio “*Salmos pela vida amazônica*” demonstra o diálogo entre a literatura e a teologia na obra de Max Carphentier. Esse escritor amazônico se utiliza de salmos de louvor e de súplica para expressar seus sentimentos diante da realidade amazônica, continuamente ameaçada pela destruição de seus recursos naturais. Diante dessas circunstâncias, o Criador é conclamado a se aliar, como afirma o poeta, aos “bem-aventurados que lastimam e que combatem” o processo de desertificação, e com esses construir um mundo diferente. Com a poética carphentiana poderemos descobrir o Senhor presente e disposto a se juntar aos homens de boa-vontade, “porque o Reino será desses, daqueles que cumprirem o destino de Deus neste transido mundo que nos suporta enquanto temos”. Em um diálogo vivo e atual a teopoética se faz presente neste texto de Literatura Comparada.

Palavras-chave: Max Carphentier¹, literatura amazônica², literatura comparada³, literatura brasileira⁴, teopoética⁵.

Abstract:

The essay “Psalms by Amazon life” demonstrates the dialogue between literature and theology in Max Carphentier’s masterpiece. This Amazon writer uses the psalms of praise and the petition to express his feelings about the Amazon reality, continually threatened by the destruction of its natural resources. Given these circumstances, the Creator is called upon to unite, as the poet says, the “blessed that lament and fight” the process of desertification, and the build a different world. With the “carphentiana” poetic we discover the Lord presents and willing to join the men of good will, “Because the kingdom will be those, of those who meet the fate of God in this world that supports us numb as we have.” In a live dialogue and the current “teopoética” is present in the text of Comparative Literature.

Keywords: Max Carphentier¹, Amazon literature², Literature comparada³, Basilian literatura⁴, “teopoética”⁵.

1. Introdução

Na Sagrada Escritura, o *Livro dos Salmos* faz parte do Antigo Testamento e é constituído de cento e cinquenta poesias compostas por diferentes autores, em diversas épocas da história de Israel. Os temas são apresentados de acordo com o gênero de cada um, com classificações que variam segundo a edição bíblica.

A *Bíblia de Jerusalém* classifica em *hinos*, *súplicas* e *ações de graça* o conjunto estilístico e temático dos salmos. É uma taxonomia geral e abrange outras classificações como a proposta da *Bíblia Sagrada*, traduzida pela CNBB que, além dos três grupos, ela acrescenta os salmos *sapienciais*, *litúrgicos*, *históricos messiânicos* e *imprecatórios*.

Os *hinos* seguem uma estrutura uniforme, iniciada com uma exortação a Deus,

¹ Auricléa Oliveira das Neves é Graduada em Letras (1986) pela Universidade Federal do Amazonas, Mestre em Literatura Brasileira e Teorias da Literatura, Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. Professora de Ensino Superior e Pesquisadora do GEPELIP/Capes. E-mail: auricleaneves@gmail.com.

louvando-o através de suas obras. Os versos finais também exaltam a majestade do Criador, como no Sl 29:

Tributai a Iahweh, ó filhos de Deus,
tributai a Iahweh glória e poder,
tributai a Iahweh a glória ao seu nome,
adorai a Iahweh no seu átrio sagrado.

E no seu Templo tudo grita: Glória!
Iahweh está sentado sobre o dilúvio,
Iahweh sentou-se como rei para sempre,
Iahweh dá força ao seu povo,
Iahweh abençoa seu povo com paz.

(Sl 29, 1-4; 9-12)

As *súplicas* podem ser individuais e coletivas dirigidas a Deus, com pedido de socorro, ou com preces de confiança no seu amor. Algumas vezes o suplicante lamenta-se, descrevendo os males pelos quais está passando, buscando a comoção do Criador e, na parte final, geralmente os versos são de confiança, ou de agradecimento, conforme o Sl 12:

Socorro, Iahweh! Não há mais homem fiel!
A lealdade desapareceu dentre os filhos de Adão!
Cada qual mente ao seu próximo, falando
com lábios fluentes e duplo coração.

Sim, Iahweh, tu nos guardarás.
Tu nos protegerás de tal geração para sempre.
Por toda parte se agitam os ímpios,
a corrupção aumenta entre os filhos de Adão.

(Sl 12, 2-5; 8-10)

Os salmos de *ação de graça* têm estrutura similar à dos hinos e com muita frequência tem caráter individual, uma vez que a pessoa agradece a Deus pelas graças alcançadas, após tribulações físicas ou espirituais. O Sl 30 explica essa forma de louvor:

Eu te exalto, Iahweh, porque me livraste,
não deixaste meus inimigos rirem de mim,
Iahweh, meu Deus, gritei a ti e me curaste,
Iahweh, tiraste minha vida do Xeol,
tu me reaviste dentre os que descem à cova.

Por isso meu coração te cantará sem mais se calar.
Iahweh, meu Deus, eu te louvarei para sempre.

(Sl 30, 2-4; 13-14)

A importância dos salmos na Igreja é percebida principalmente após a reforma litúrgica do Concílio Vaticano II, que introduziu na Missa o *Salmo de Resposta*, entre a leitura do Antigo Testamento e a do Novo Testamento. Conforme nota da CNBB (Bíblia Sagrada, 2007, p.680), os salmos são citados mais de cem vezes no Novo Testamento. Durante a

Paixão, na cruz, Jesus rezou o início do Sl 22, “ Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste ” , citado em Mc 15, 34 e Mt 27, 46 e morreu exclamando o Sl 31, 6, “ em tuas mãos entrego meu espírito. ” Para o Catecismo da Igreja Católica:

Os Salmos constituem a obra-prima da oração no Antigo Testamento. Apresentam dois componentes inseparáveis: o pessoal e o comunitário. Estendem-se a todas as dimensões da história, comemorando as promessas de Deus já realizadas e esperando a vinda do Messias. Rezados e realizados em Cristo, os Salmos são um elemento essencial e permanente da oração de sua igreja e são adequados aos homens de qualquer condição e tempo. (nº. 2596, 2597)

Como se percebe esta forma de oração é pertinente tanto no espaço do Judaísmo, como na ritualística do Cristianismo.

2. A poética dos salmos

O ensaio “Salmos pela vida amazônica” faz uma reflexão sobre a obra de Max Carphentier, escritor amazonense contemporâneo, cuja fortuna crítica ainda é incipiente, embora tenha publicado várias obras.

Alguns críticos consideram-no simbolista pelo teor do conteúdo exposto, outros, pós-modernista pelo tempo histórico de sua produção; ou ainda, um caudatário da geração de 30, da *Poesia em Deus* da qual foram representantes Murilo Mendes e Jorge de Lima.

Modernamente, Carphentier pode ser considerado um partícipe da Teopoética, cuja terminologia foi proposta por Karl Josef Kuschel, no ensaio crítico *Os Escritores e a Escritura* (1999), onde analisa a representação teológico-literária em obras de Franz Kafka, Rainer Maria Rilke, Herman Hesse e Thomas Mann. Após análise das obras desses homens de letra, Kuschel conclui:

grandes escritores do século XX demonstram que não apenas o discurso sobre a transcendência, mas também o discurso sobre o Deus transcendente, podem sobreviver no espaço da literatura, sem que Deus deixe de ser Deus; e sem que literatura deixe de ser arte e acabe incorrendo um tom edificante, de piedade leviana e de propaganda religiosa.(Kuschel, 1999, p. 215)

Embora o termo “teopoética” seja novo, a vertente literária que apresenta o diálogo interdisciplinar entre a Literatura e Teologia é antiga, haja vista que importantes nomes da literatura universal trataram dessa matéria poética a começar pelo rei trovador D. Dinis, Gonçalo de Berceu, Dante Alighieri, Gil Vicente São João de La Cruz, Santa Teresa D’Ávila, Calderón de La Barca, Pe. Antonio Vieira e tantos outros.

Na Literatura brasileira, a teopoética também está presente nas obras de José de Anchieta, Manuel Botelho de Oliveira, Gregório de Matos, Alphonsus de Guimaraens e uma gama de escritores que também produziram textos de viés espiritualista, embora o religioso não seja a temática principal de suas obras.

Max Carphentier faz parte desse universo artístico, recorrente na literatura ocidental, conforme o crítico Northrop Frye, na obra *Anatomia da Crítica* (1957), onde afirma que o Cristianismo está na base da história e da cultura do Ocidente.

Após estudo acurado de textos bíblicos do Antigo e do Novo Testamento, Frye conclui que é possível perceber a raiz teológico-cultural-judaico-cristã, sob a influência da

Bíblia, nos escritos de arte em geral. Essa raiz a que se reporta Frye é evidente na obra carphentiana e se manifesta através da intertextualidade com a Bíblia, da referência eclesial e do discurso plasmado de sacralidade.

Max Carphentier inicia sua carreira literária, em 1975, com o livro de poemas *Quarta esfera*, com forte tendência à abstração e ao mistério, incluindo também o discurso religioso. A obra dedicada à UBEA, ao Clube da Madrugada e, em especial ao poeta Hemetério Cabrinha, seu avô, tem a apresentação do escritor Anthístenes Pinto que sintetiza: “É um poema musical, longo, telúrico, plástico, eclético – com a inserção do Universo nosso (podemos assim afirmar?) e muitos outros, com miríades de sustentações simbólicas e riquezas metafóricas” (Pinto, 1975, p. 1)

Em 1978, publica o livro de contos *Vitrais da Busca*, obra prefaciada pelo também sacerdote e poeta Luís Ruas, que o resume desta forma: “Lendo-se os vinte e um contos [...] pode-se detectar com relativa facilidade uma espécie de *lei-motiv*: o homem que busca a si mesmo ou a sua própria realização pessoal.” (Ruas, 1978, p.3)

Em 1979, põe a lume o *Sermão da Selva*, obra poética que obteve grande repercussão. Pelo sucesso obtido com o *Sermão da Selva* (1979), Max Carphentier recebeu o reconhecimento da crítica especializada, como a reverencia o poeta Carlos Drummond de Andrade:

O ‘*Sermão da Selva*’ tem a dignidade da poesia a serviço da vida. Assim, essa voz poética seja ouvida em coro com a dos cientistas e dos brasileiros de boa vontade, para que não se arruíne a floresta amazônica, esse bem da humanidade, que nos cumpre defender. (Drummond de Andrade, 1979).

Dez anos depois de publicar a primeira obra, assume a cadeira número 31, na Academia Amazonense de Letras e, naquela noite memorável de 1985, seu discurso de posse é elucidador quanto à vertente teoliterária a que Max se inscreve.

A epígrafe que introduz sua fala, extraída do capítulo 55, versículos 10 e 11, do profeta Isaías, apresenta ao público o trabalho poético que Max quer realizar, quando afirma, através do versículo 11, “assim será a minha palavra, que sair da minha boca; não tornará para mim vazia, mas ela fará tudo que tenho querido e surtirá o seu efeito naquelas coisas, para as quais eu a enviei”

No discurso, entre as centenas de trechos prenhos de Beleza e Sabedoria, Max faz a convergência e a divergência entre o profeta e o poeta. Com tantas similaridades entre ambos, Max encontra algo dissonante: “só uma diferença existe entre o profeta e o poeta. O profeta faz descer a Beleza dos céus para a terra, e o poeta faz a Beleza subir da terra para o céus. E não se sabe qual é a maior glória: se descer uma estrela para terra, ou se subir com uma rosa para o céu.” (Carphentier, 1987, p.57)

Publicou ainda: *Orfeu de Nazareno* (1987), *Fragmentos de luz* (1987), *Tiara do Verde Amor - tríplice coroa de sonetos* (1988), *Nosso Senhor das Águas* (1993); *Nossa Senhora de Manaus* (1995); *Teresa de Ávila, o Êxtase da Muralha* (2001), *Celebração da vida: Missa planetária* (2003), *A musa de Jerusalém – romance histórico da vida de Jesus* (2009) e *Catedral dos Sacramentos* (2010).

Pelos títulos de suas publicações, fica evidenciada a vertente literária que se conecta ao sagrado, embora haja outros aspectos ensejados na escritura carphentiana.

É comovedor, por exemplo, o *Canto de Entrada*, no voz dos ribeirinhos do Amazonas, na obra *Celebração Vida Missa Planetária*:

Deus de todos os rios, Senhor das fontes,
nossas águas de braços enluarados

molham teus pés como prece dos cardumes.
Peixes repetem a vocação da argila
de, ao teu Sopro, sustentar o homem.
As luas mergulhadas nestes rios
são contas de rosário em nossas praias.
Escamos cobrem a nossa prece antiga
nos remos que dão asas ao luar.
Cheguemos ao teu altar, somos Adão:
ao chão e ao céu do Gênesis cantemos,
donos da Luz e súditos da Selva.
Não peçamos à Vida mais que a vida,
ainda que chorada ou mal vivida.
(Carphentier, 2003, p.17)

É catequético *O Salmo de Meditação VI*, contido na segunda parte da obra *Teresa de Ávila, o Extase da Muralha*:

No continente longe, almas perdidas viram
a cruz vinda do mar no sonho ibérico.
A luz, como é espiga nas mãos postas em prece,
foi debulhada por, Santa Teresa dos campos,
e esses grãos foram cair muito além dos teus olhos.
Senhor, a oração pelas almas é a mais veloz de todas,
não há fronteiras entre ela e o Teu coração.

[...]

Não é possível a salvação sozinha.
Eu só me salvo a mim salvando o outro.
As celas de Teresa, casas de passarinhos
sutentam as vibrações prediletas do Filho,
os suspiros que animam a criação inteira
a voltar para o Pai como um sonho que começa
no ponto só de amor onde acabam os santos

(Carphentier, 2001, p.77)

Em outra obra, Pe. Paulo Pinto, teólogo e advogado, resume o pensamento da crítica literária acerca dos estudos teopoéticos contido na última publicação – *Catedral dos Sacramentos* - de Max Carphentier, com o selo da Academia Amazonense de Letras:

Poucos escritores modernos foram tão sensíveis à apreensão do sagrado e à percepção do processo de divinização do humano como Max Carphentier. *Catedral dos Sacramentos* é um relato claro, conciso e poético de como esse processo de absorção do humano pelo divino e seu universo simbólico se realizou na tradição cristã, por meio da experiência religiosa dos sacramentos, que contam a história do evoluir espiritual dos cristãos”.(Pinto, 2010, contracapa).

O tema deste ensaio “Salmos pela vida amazônica” não estaria perfeitamente contemplado se não fosse analisado de forma mais consistente um conteúdo literário do autor. Assim, trouxemos *O livro de orações e salmos Nossa Senhora de Manaus*, que apresenta um profundo sentimento telúrico e apelo teológico, conjugando em seu conteúdo a Teopoética, essa nova linha de estudos acadêmicos direcionados ao discurso crítico-literário sobre o sagrado, a partir da reflexão teológica presente nos escritos dos autores, já expresso

anteriormente.

Impresso em setembro de 1995, o livro faz homenagem ao terceiro centenário da fundação de *Nossa Senhora da Conceição da Barra do Rio Negro*, em 1695, pelos carmelitas, como registrou o historiador Arthur Reis: “nas cercanias do fortim de São José, aproveitando-lhe a sombra protetora, levantaram toscamente, de madeira e palha, a capela de Nossa Senhora da Conceição, que tomaram como padroeira do núcleo em formação” (Reis, 1989, p.74).

O prefácio da obra foi elaborado pelo arcebispo de Manaus, Dom Luís Soares Vieira, também pertencente à Academia Amazonense de Letras que o intitulou de “*A poesia mariana da vida amazônica*” em cuja introdução assim se expressa:

Três coisas me deixam admirado: o ser humano, a natureza e a música; uma quarta, entretanto, me extasia: as três transformadas em poema. Ao terminar a leitura do livro de Max Carphentier intitulado ‘Nossa Senhora de Manaus’, percebi, como num passe de mágica, que mergulhara num êxtase: nas palavras harmoniosas da poesia tinha-me encontrado com o amazônida, a hiléia e a melodia. Quedei-me em silêncio a degustar a beleza dos acordes que ainda vibram em minha alma. ‘O Livro das Orações’ e ‘O Livro das Aparições’ têm a beleza que logo cativa e brota da sensibilidade criativa do artista. (Vieira, 1995, p.9).

Dividida em três partes - *O livro das orações, O livro das aparições e Livro dos Salmos* - a obra é apresentada por uma *Introdução-ofertório*:

As comunidades da Selva, reunidas nesta hora grave, neste tempo de martírio da natureza amazônica, pedem a Vós, Santa Mãe de Deus, que atendeis aos nossos rogos e intercedais por nós junto ao Senhor.

Ampliam-se os círculos do mal, e as descendências do verde se aniquilam. É tempo de preces ininterruptas à Mediadora.

Não mais vos chamaremos Nossa Senhora das Graças, Nos_sa Senhora de Lourdes, de Fátima, de Aparecida, mas vos cha_maremos NOSSA SENHORA DE MANAUS, para que - única e insubstituível - estejais mais perto do nosso clamor, convivendo e sofrendo conosco no coração da Selva, que palpita em Manaus.

Assim, Senhora, é que vos rogamos, no fim do segundo milênio do nascimento do vosso Filho: Levantamos a Vós as nos_sas águas, a nossa terra e a nossa oração. E vos oferecemos a pe_tição e o amor destas páginas. (Carphentier, 1995, p.13).

Pela análise da introdução ofertório, Carphentier, apresenta três ideias núcleo: a percepção da natureza agredida, o pedido de intercessão da Mãe de Deus e o oferecimento da obra a essa Mulher.

A primeira parte de *Nossa Senhora de Manaus* é formada por dezoito textos, compondo *O Livro das Orações*. Nessas preces o poeta roga pelos vários elementos do universo amazônico: o ribeirão, o missionário, o peixe, a floresta, dentre outros.

O artigo 3º do *Catecismo da Igreja Católica* informa que as orações são normas cristãs reveladas pelas Escrituras traduzidas sob três formas: a oração de bênção e de adoração; a oração de súplica; a oração de intercessão. Carphentier mescla as orações de súplica e de intercessão e pede a Mãe de Deus por aqueles que necessitam de sua ajuda. Todas elas se iniciam por “rogai por nós”, como é o refrão da *Ladainha de Nossa Senhora*.

A segunda parte, *O livro das aparições*, contém quinze pequenos textos, contrapondo com as quinze estações da *via crucis de Jesus*. Na Bíblia, tanto no Antigo Testamento como no Novo Testamento há vários episódios envolvendo fatos sobrenaturais, vistos como intervenção de Deus, na vida do homem:

As aparições ocupam espaço considerável na Bíblia, de Abraão e Moisés aos profetas: teofanias, aparições de anjos e manifestações de além sobrenatural. No NT, as aparições são relativamente raras: os anjos dos evangelhos da infância (Mt 1-2; Lc 1-2), da tentação no deserto e da agonia de Cristo. E são muito numerosas nos Atos dos apóstolos: línguas de fogo no Pentecostes, mais as visões de Estêvão (At 7,56), de Saulo (At 9,5), de Ananias (At 9,10) de Cornélio (At 10, 3-6), de Pedro em Jope (At 10, 11-12) ou na prisão (At 12, 7-11), etc. (Lurentin, 1995, p.116,117)

A terceira e última parte da obra *Nossa Senhora de Manaus* é composta pelo *Livro dos Salmos*. Nessa parte, Carphentier salmodia o universo amazônico com vinte e um salmos, de estrutura isostrófica de nove estrofes cada um.

Os salmos carphentianos são cantos de fé, ternura e amor extremado ao Criador e à Virgem Maria, são também elegias que denotam sofrimento diante da degradação do ecossistema amazônico. Assim, o sujeito poético se alia aos elementos da natureza para louvar e rogar a Deus pelo universo criado através de seu poder.

As três estrofes iniciais do *Livro dos Salmos* demonstram a proposta da obra:

Retirarei a harpa que
pendurara na palmeira
e cantarei, com as águas e com as terras,
salmos para Virgem-Mãe Cabocla,
Nossa Senhora de Manaus.
(Carphentier, 1995, p.85)

O eu-poemático conclama elementos vitais da natureza – água e terra - para louvar a Virgem Maria em um canto em ação de graças, ele faz alusão ao Sl 137 (136) “À beira dos canais da Babilônia/ nos sentamos, e choramos/ com saudades de Sião;/ nos salgueiros que ali estavam/ perduramos nossas harpas”. Este é um dos salmos mais conhecidos da literatura sagrada e evoca o exílio do povo judeu na Babilônia, após a queda de Jerusalém em 587.

No salmo bíblico, as harpas são penduradas pelos exilados que não têm motivo para se alegrar; no salmo carphentiano a harpa que estava pendurada é retirada para louvar a Virgem Cabocla, completado com os versos:

Dez rios tenho nos dedos,
de cada qual um louvor
a escorrer entre as pedras
como um suspiro de flor.
Mas terei louvor somente ?
(Carphentier, 1995, p.85)

Para fazer seu louvor, é necessário tocar a harpa que se realiza com os dedos, no sentido literal, gesto transformado numa interessante metáfora presente no primeiro verso: “Dez rios tenho nos dedos” (v.5), em referência aos dez principais afluentes do rio Amazonas. Na margem direita, os rios: Javari, Jutai, Juruá, Purus, Madeira; na margem esquerda: Iça, Japurá, Negro, Uatumã, Nhamundá. Assim os dedos-afluentes se ligam ao braço-rio principal

que dará vida ao espaço amazônico.

Na continuação da estrofe, um questionamento: “Mas terei louvor somente?” São as incertezas de um presente em transformação e de um futuro que se encaminha para a devastação do meio-ambiente. A terceira estrofe complementa a idéia:

A Selva, Virgem Senhora, sofre
com a invasão da areia sobre o verde,
sofre
com o coração exposto das raízes.
E o homem está triste de rio sujo,
de safra frustrada, de pássaro banido.
(Carphentier, 1995, p.85)

A personificação da Selva reflete a consciência do sujeito lírico em face à degradação da natureza e mostra seu lamento, demonstrado pela reiteração da palavra “sofre” e pelos versos “o homem está triste de rio sujo,/ de safra frustrada, de pássaro banido.” (Carphentier, 1995, p.85). A quarta estrofe e quinta estrofes há mais queixas:

Os pés de quem banharei
com as lágrimas e o fel
das nascentes envenenadas?
A terra chora nos meus olhos, sobre
os alvos pés de súditas estrelas.

Mas antes que o manto da Mediadora
fique turvo da sombra dos venenos,
Ela esmagará a cabeça do predador
como fez com a serpente.
(Carphentier, 1995, p.85)

Observamos vários semas que remetem à tristeza e à desolação desse eu-lírico sofredor - “lágrimas”, “fel”, “envenenadas”, “chora”, “turvo”, “sombra”, “venenos”, “predador”, “serpente” – que encaminham o leitor ao lamento do povo judeu no exílio da Babilônia presente no salmo 37 com o qual dialoga. Contudo, esse sujeito lírico que toma conhecimento dos problemas ecológicos, também sente-se esperançoso de dias melhores com a mediação e o consolo da Virgem Maria:

Nosso sofrimento, embora muito,
a Virgem consolará.
E ela dará nova sabedoria às folhas,
para cicatrizarmos as feridas.

Cantai, águas, primeiro,
e primeiro exultemos
com a chegada da Virgem.

Já as árvores tombadas ressuscitam,
já a tristeza do homem acende frutos:
Esse Vaso, em que Deus deu carne ao Verbo,
verbo será para nós.
(Carphentier, p.1995, p.86)

Os versos finais do Salmo I demonstram dois aspectos muito importantes sobre a Virgem Maria e o mistério da encarnação: primeiramente a esperança vem com Maria, a Virgem Consoladora, um dos seus atributos, por isso a natureza, através das águas, deve louvar sua chegada assim como fez Isabel “Bendita és tu entre as mulheres e bendito o fruto de teu ventre. Donde me vem que a mãe do meu Senhor me visite?” (Lc 1, 42-43), por isso as “árvores tombadas ressuscitam” (v.37), a “tristeza do homem acende frutos”(v.38), é o homem novo trazido pela encarnação de Jesus.

Maria é “Vaso espiritual, Vaso honorífico”, Vaso insigne de perfeição” tão bem cantado na *Ladainha de Nossa Senhora* que o sujeito poético aponta como o “Vaso, em que Deus deu carne ao Verbo” (v.39), verdade tão profunda diante do mistério do Amor do Criador, que revelou sua glória a todas as suas Criaturas, por meio do Verbo encarnado, conforme proclama o evangelista João: “E a palavra se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1, 14) ; “Ninguém jamais viu a Deus: o Filho unigênito, que está no seio do Pai, este o deu a conhecer” (Jo 1, 18).

O sujeito poético conclui o salmo - “verbo será para nós”(v.40) – como forma de chamar a atenção da humanidade que é preciso buscar políticas públicas e particulares com vistas a corrigir os estragos feitos pelo homem na natureza e preservar o que ainda não foi devastado, por isso o “verbo-ação”.

Por outro lado, é necessário usar o “verbo-discurso” como forma de anunciar e denunciar, como faz a poesia carphentiana. Por derradeiro, já que Verbo é a palavra de Deus, ou o próprio Deus, “Esse Vaso, [...] verbo será para nós”. Maria não é uma deusa, mas é o caminho para se chegar a Deus, o instrumento para a construção de seu Reino, como afirma o Salmo II carphentiano: “Nós construiremos na Amazônia/ o Reino que em Nazaré sonhava o Senhor da Virgem./ Vinde, Senhora. Os guizos do vosso manto/ serão cascatas verdinhas./ E haverá suspiros nas moitas como notas de oração.” (v.8-14.)

3. Conclusão

Conforme foi apresentado, salmos de expressão amazônica ratificam a preocupação de Carphentier com as questões teológicas e ecológicas, pois seus escritos demonstram ser a natureza uma dádiva de Deus aos homens. Desrespeitar esse presente significa romper os laços que unem a humanidade ao seu Criador e nesta cadeia o homem sofre um prejuízo incalculável.

4. Referências

ANDRADE, Carlos Drummond. *Jornal A Crítica*: Manaus (AM), 20.06.79.

CARPHERTIER, Max. *Fragmentos de Luz*. Manaus: IGHA, 1987.

CARPHERTIER, Max. *Nossa Senhora de Manaus – livro de orações e salmos*. Manaus: Grafima, 1999.

CARPHERTIER, Max. *Teresa de Ávila, o Êxtase da Muralha*. São Paulo: Loyola, 2001.

CARPHERTIER, Max. *Celebração da Vida, Missa planetária*. Manaus: Loyola, 2003.

FRYE, Northrop. *O código dos códigos: a Bíblia e a literatura*. Tradução e notas Flavio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004.

KUSCHEL, Karl-Josef. *Os escritores e as escrituras – retratos teológico-literários*. Trad. Paulo Söethe. São Paulo: Loyola, 1999.

LAURENTIN, R. Aparições. In: FIORES, Stefano de e MEO, Salvatore (dir.). *Dicionário de Mariologia*. Tradução de Álvaro A. Cunha, Honório Dalbosco, Isabel F.L. Ferreira. São Paulo: Paulus, 1995.

LIVRO DOS SALMOS in *Bíblia Sagrada*. Tradução, introdução e notas da CNBB. 5ª. ed. Brasília: CNBB; São Paulo: Canção Nova.

MISSIONÁRIOS REDENTORISTAS. *Manual dos devotos de Nossa Senhora Aparecida*. 76 a. Ed., Aparecida (SP): Santuário, 2007.

PINTO, Anthístenes. Apresentação in CARPHENTIER, Max. *Quarta Esfera*. Manaus: Casa Editora Madrugada, 1975.

RUAS, L. Apresentação, in *Vitrais da Busca*. Manaus: 1978.

PINTO, Paulo. Apresentação in CARPHENTIER, Max. *Catedral dos Sacramentos*. Manaus: Academia Amazonense de Letras, 2010.

REIS, Arthur César Ferreira. *História do Amazonas*. 2ª ed. Belo Horizonte (MG): Itatiaia; Manaus (AM): Superintendência Cultural do Amazonas, 1989.

VIEIRA, Dom Luís Soares. Prefácio in CARPHENTIER, Max. *Nossa Senhora de Manaus*. Manaus (AM): Grafima, 1995.